



COMPOSIÇÃO FLORÍSTICA DE DOIS FRAGMENTOS DE CAATINGA NO CARIRI PARAIBANO

Thallyta Guimarães de Araujo

thallyta_guimaraes@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Biologia, Campina Grande, PB. ;

Augusto Barbosa de Queiroz - Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Biologia, Campina Grande, PB.

Sérgio de Faria Lopes – Universidade Estadual da Paraíba, Departamento de Biologia, Campina Grande, PB

INTRODUÇÃO

A Caatinga é o principal ecossistema existente na Região Nordeste e um dos biomas brasileiros mais importantes devido a sua alta biodiversidade (Pessoa *et al.* 2008). Entretanto, até pouco tempo era tido como um bioma pouco diverso o que tornava-o desvalorizado e pouco estudado. Apesar dos estudos mais acurados nos últimos dez anos, pouco conhece das suas potencialidades (Oliveira *et al.* 2009). Composta por vegetação xerófila, este bioma apresenta variações na sua fisionomia e florística (Andrade-Lima, 1981). A flora nativa da Caatinga apresenta espécies vegetais com caracteres anatômicos, morfológicos e funcionais especializados para a sobrevivência as condições adversas de clima e solo típicas dessa fisionomia. A vegetação é composta por espécies lenhosas e herbáceas de pequeno porte, muito dotadas de espinhos, geralmente caducifólias, e por cactáceas e bromélias, sendo 180 endêmicas (Drumond *et al.* 2000). Os tipos de solo e clima, sua grande amplitude e as diversas formas do relevo do semiárido explicariam o motivo do alto grau de heterogeneidade (Santana; Souto, 2006). Atualmente a Caatinga encontra-se em acentuado processo de degradação, provocado principalmente pela ação antrópica. Com áreas bastante degradadas chegando a formar centros de desertificação. Estima-se que entre 30% a 52% deste bioma tenham sido modificado em áreas de pastagens, terras agricultáveis e outras formas de uso do solo, de maneira que a paisagem da caatinga encontra-se fragmentada (Casteletti *et al.* 2003; Sampaio e Araújo 2005). O mau uso dos recursos oferecidos pela Caatinga restringe sua distribuição à remanescentes que são considerados refúgios para biodiversidade local (Oliveira *et al.* 2009). A sobrexploração de um ambiente tão pouco conhecido e complexo poderá levar a Caatinga a um processo irreversível de degradação (Santana e Souto, 2006).

OBJETIVOS

O presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento florístico e comparar a riqueza da vegetação em dois fragmentos de Caatinga.

MATERIAL E MÉTODOS

Local do estudo - O trabalho foi desenvolvido, em dois fragmentos de Caatinga: no município de Camalaú (Área I) e em São João do Tigre (Área II), ambos no estado da Paraíba. A Área I se caracteriza por apresentar uma vegetação heterogênea, com predomínio de herbáceas e arbustos esparsos e com solo descoberto. Na Área II encontramos uma vegetação mais densa, com espécies arbustivas e arbóreas, e o solo caracterizado como

protegido. Delineamento de amostral - Realizou-se em cada uma das áreas dez transectos, de 50 m de comprimento, onde foram tabulados todos os indivíduos vivos com um DAP (diâmetro altura do peito) \geq 3cm e maiores que 1 metro.

RESULTADOS

Foram identificadas 35 espécies nas duas áreas de estudo. Na Área I registrou-se 19 espécies pertencentes a 11 famílias, já na Área II foram amostradas 32 espécies e 14 famílias. Entre as famílias mais comuns na Caatinga e amostradas nas duas áreas, destacam-se: Cactaceae, Fabaceae e Euphorbiaceae. Na área I as espécies com maior número de indivíduos foram *Croton sonderianus*, *Jatropha mollissima* e *Poincianella pyramidalis*. Na Área II *Croton echioides*, *Poincianella pyramidalis*, *Anadenanthera colubrina*, *Neoglaziovia variegata* e *Mimosa ophthalmocentra*.

DISCUSSÃO

As duas áreas apresentam estruturas diferentes, onde a Área II apresenta uma maior riqueza quanto ao número de espécies, possivelmente devido a uma menor ação antrópica. A menor riqueza encontrada na Área I, possivelmente ocorreu devida uma maior antropização por conta da extração seletiva de madeira e atividades agropastoris.

CONCLUSÃO

Conforme os dados analisados, o remanescente de Caatinga que apresentou maior riqueza, tanto em famílias quanto em espécies identificadas foi ao do ambiente II (não-antropizado) e o seu estado de conservação apresenta um melhor equilíbrio. O que já não ocorre na Área I, por consequência da frequente intervenção humana, tornando-a vulnerável ao processo de desertificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE-LIMA, D. 1981. The caatingas dominium. Revista Brasileira de Botânica, São Paulo, v. 4, p. 49-153.
- CASTELLETTI, C.H.M.; SANTOS, A.M.M.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. 2003. Quanto ainda resta da caatinga? Uma estimativa preliminar. In: LEAL, I.R.; TABARELLI, M.; SILVA, J.M.C. (Eds.) Ecologia e Conservação da Caatinga. Recife: Ed. Universitária da UFPE. p.719-734.
- DRUMOND, M. A.; KIILL, L. H. P.; LIMA, P. C. F.; OLIVEIRA, M. C.; OLIVEIRA, V. R.; ALBUQUERQUE, S. G.; NASCIMENTO, C. E. S.; CAVALCANTE, J. Estratégias para o uso sustentável da biodiversidade da caatinga. In: Seminário para avaliação e identificação de ações prioritárias para a conservação, utilização sustentável e repartição de benefícios da biodiversidade do bioma Caatinga. Anais... EMBRAPA/CPATSA, UFPE e Conservation International do Brasil, Petrolina. 2000.
- OLIVEIRA P. T. B. *et al.* 2009. Florística e fitossociologia de quatro remanescentes vegetacionais em áreas de serra no cariri paraibano. Revista Caatinga, Mossoró, v. 22, n. 4, p. 169-178
- PESSOA M. F. 2008. Estudo da cobertura vegetal em ambientes da caatinga com diferentes formas de manejo no assentamento Moacir Lucena, Apodi - RN. Revista Caatinga, Mossoró, v. 21, n. 3, p. 40-48.
- SAMPAIO, E.V.S.; ARAÚJO, M.S.B. 2005. Desertificação no nordeste semi-árido. In: NOGUEIRA, R.J.M.; ARAÚJO, E.L.; WILLADINO, L.G; CAVALCANTE, U.M.T. (eds.) Estresses Ambientais: danos ou benefícios em plantas. Recife: MXM Gráfica e Editora, v.1, p. 490-499.
- SANTANA, J. A. S.; SOUTO, J. S. 2006. Diversidade e estrutura fitossociológica da Caatinga na estação ecológica do Seridó-RN. Revista de Biologia e Ciências da Terra, Campina Grande, v. 6, n. 2, p. 232-242